# PROJETO ÁFRICA NA UNILAB (ANU) E O PROCESSO DE DESCONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO COLONIAL NAS ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL DO MACIÇO DE BATURITÉ.

**Wilma JoÃo Nancassa QuadÉ [1], Sley Micaely Santos da Silva [2], Jeannette Filomeno Pouchain Ramos [3]**

**RESUMO**

O Projeto África na Unilab (ANU) surge a partir da observação de que, ainda hoje, embora o Maciço de Baturité "conviva" com cidadãos e cidadãs africanos/as desde o início das atividades acadêmicas da Unilab, as informações sobre África são formadas pelo senso comum e por preconceitos, o que repercute diretamente na vida dos estudantes internacionais. O ANU consiste, em seu objetivo principal, oferecer a alunos do Ensino Fundamental II da rede pública do Maciço de Baturité, oficinas sobre as realidades dos Países de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). Para o desenvolvimento do projeto, na fase piloto das oficinas, elaboramos quatro encontros de 100 minutos cada, em que cada um desses encontros abordamos assuntos específicos sobre o continente africano. Após a avaliação da fase piloto da oficina, duas modificações modificações foram realizadas: 1. o trabalho com conteúdos sobre os países africanos foi implementado a partir do trabalho com gêneros textuais para que a apresentação sobre os países se tornasse ainda mais didática e partisse de um ponto micro para uma dimensão macro de cada país; e 2. a inserção de um encontro final que permitisse a realização de atividades que nos dessem um retorno de tudo que ensinamos durante o processo, com finalidade de descobrir quais foram os impactos dos encontros, ou seja, o que os alunos aprenderam relativamente aos conhecimentos que tinham sobre África antes das oficinas e o que puderam desconstruir durante o período das oficinas. Com o desenvolvimento deste trabalho, conclui-se que processo de conscientização e de desconstrução dos relativismos exacerbados, dos preconceitos e do racismo acerca das culturas, línguas, tradições e cosmovisão dos povos africanos necessita ser melhor empregado nas escolas de ensino básico do Maciço de Baturité, para que haja uma construção de uma nova visão sobre o continente negro e seu povo.

**Palavras-chave:**

continente africano. desconstrução. preconceito e racismo.

[1] UNILAB, Instituto de Humanidades , Discente, e-mail: wilmanancassa@gmail.com
[2] UNILAB, Instituto de Literaturas e Linguagens, Discente, e-mail: sleymicaeely@gmail.com
[3] UNILAB, Instituto de Humanidades, Docente, e-mail: ramosjeannette@unilab.edu.br

## INTRODUÇÃO

África na Unilab (ANU) é um projeto de pesquisa-ensino-extensão do Programa de Educação Tutorial de Humanidades e Letras (PETHL) da UNILAB. O projeto nasceu da observação de que, ainda hoje, embora o Maciço de Baturité "conviva" com cidadãos e cidadãs africanos/as desde o início das atividades acadêmicas da Unilab, as informações sobre África são formadas pelo senso comum e por preconceitos, o que repercute diretamente na vida destes estudantes internacionais. O ANU consiste, em seu objetivo principal, oferecer a alunos do Ensino Fundamental II da rede pública do Maciço de Baturité, oficinas sobre as realidades dos Países de Língua Oficial Portuguesa (PALOP).

As oficinas, preparadas e ministradas pelos(as) bolsistas do PETHL, objetivam a difusão de informações verídicas acerca do continente africano, que reflitam a realidade dos países que compõem um continente que é genericamente chamado de "África", como se fosse um todo homogêneo, pois, segundo Mia Couto

a imagem de África já está construída e sedimentada por muito preconceito e muita ignorância. Nos ciclos de namoro e abandono, o continente negro é hoje um lugar que suscita pessimismo. Os que decidem sobre os destinos globais estão tentados a desistir de África. (COUTO, 2005, p. 78).

Desta forma, o projeto visa contrapor o olhar midiático distorcido e depreciativo com o qual a mídia brasileira, em geral, apresenta até hoje a África. O público alvo dessas oficinas são aprendentes do Ensino Fundamental II, pois entendemos que adolescentes são catalizadores de mudanças, por viverem em contato direto com pessoas de diferentes camadas são naturalmente questionadores das opiniões dos mais velhos e formadores de novos olhares.

## METODOLOGIA

Relativamente a metodologia, na fase piloto das oficinas, foram elaborados quatro encontros de 100 minutos cada, em que cada um desses encontros seriam abordamos assuntos específicos sobre o continente africano. No primeiro encontro, trabalhamos uma visão geral, com o intuito de abordar a diversidade existente nas localidades do continente. Com a disposição de ilustrações, fotos, imagens e vídeos, questionamos aos aprendentes quais países/cidades/continentes as imagens representavam, e a partir deste momento, iniciava-se a apresentação do continente, de forma a desconstruir os estereótipos que se tem sobre o continente africano, de modo a contribuir de certa forma para a construção de um conhecimento com base científica. Nos outros três encontros, focamos nossas apresentações especificamente em cada um dos países africanos que compõem a Unilab, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Angola, Moçambique e Cabo-Verde, de forma a apresentar os aspectos geográficos, culturais e políticos de cada um deles.

Após a fase piloto da oficina, ou seja, a primeira experiência dos encontros, nós avaliamos e discutimos o formato e optamos por duas modificações: 1. levar os conteúdos sobre os países africanos, partindo do trabalho com gêneros textuais específicos (poemas, músicas, notícias, contos, verbetes, etc) para que a apresentação sobre os países se tornasse ainda mais didática e partisse de um ponto micro para uma dimensão macro de cada país; e 2. inserir nos módulos seguintes um encontro final que permitisse a realização de atividades que nos dessem um retorno de tudo que foi ensinado durante o processo, com finalidade de descobrir quais foram os impactos dos encontros, ou seja, o que os alunos aprenderam relativamente aos conhecimentos que tinham sobre África antes das oficinas e o que puderam desconstruir durante o período das oficinas. Para a segunda modificação, fizemos prints das publicações de famosos nas redes sociais em particular de brasileiros que viajaram para um determinado país do continente africano e procuraram as zonas mais carentes, bem como pessoas em condições vulneráveis para filmar/fotografar para,

depois, falar da pobreza nas redes sociais entre outras questões, sobretudo, reproduzindo uma ideologia que objetifica a África como um lugar de pobreza e de outras calamidades.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

No final das oficinas solicitamos que os alunos expressassem suas opiniões sobre as oficinas realizadas e estes desenharam e escreveram no papel o que essas oficinas tinham significado para eles e o quanto foi importante para o processo de desconstrução e construção do conhecimento e do ponto de vista deles sobre o continente africano e os africanos. Ao longo do tempo os negros são vistos como escravos ou descentes de escravos devido as condições históricas e socias da sociedade brasileira e acreditamos que com as oficinas do ANU torna-se possível que os negros passem a ser vistos como sujeitos históricos e seres humanos nascidos livres e que foram tirados a força de seus territórios e trazidos para serem escravisados. Muitos disseram que antes da oficina tinham uma outra percepção ou visão sobre a África, mas que teria modificado significativamente depois de terem participado das oficinas e outros simplesmente expressaram que aprenderam muitas coisas que não sabiam antes sobre o continente africano e os africanos e que gostariam que as oficinas continuassem na escola para que eles pudessem aprender mais e assim, ensinar as pessoas que não sabem.

## CONCLUSÕES

Por meio do novo modelo das oficinas, proporcionamos a reflexão sobre como a mídia, muitas vezes, é usada para desconstruir ou marginalizar a imagem do continente africano. Nossa intenção com a aplicação destas oficinas firmou-se no processo de conscientização dos alunos por meio dos diversos momentos planejados e na contribuição para o processo de desconstrução dos relativismos exacerbados, dos preconceitos e do racismo acerca das culturas, línguas, tradições e cosmovisão dos povos africanos, permitindo assim a construção de uma nova visão sobre o continente negro e seu povo.

Já realizamos as oficinas em duas escolas do Maciço de Baturité, a primeira foi a escola Neide Tinôco, localizada no Itapaí (Redenção- CE) e a segunda foi na escola Padre Crisóstomo, localizada na cidade de Acarape (CE). Essas escolas foram contempladas com o cliclo de oficinas do ANU e no final os alunos participantes receberam certificação. Com a realização destes dois ciclos de oficina, percebemos também o quanto as escolas do Maciço de Baturité são carentes de projetos que incentivem os alunos o estudo sobre o continente africano e sobre a literatura e a cultura afro-brasileira, assegurada desde 2003 pelo governo brasileiro.

Desta forma, compreendemos que existe a necessidade de desenvolvimento e fortalecimento de ações como as do projeto África na Unilab, a fim de que cada vez mais essas práticas de conhecimento sejam desenvolvidas dentro das Instituições de Ensino Básico e possam alcançar aos pais, mães e familiares em geral, para que a  comunidade se intere sobre as culturas de uma população responsável, em partes, pela formação da sociedade brasileira contemporânea.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira pelo espaço cedido, pela oportunidade de formação, bem como pelo incentivo às pesquisas. Agradecemos ao Ministério da Educação (MEC) pela criação e manutenção do Programa de Educação Tutorial (PET). Por fim, agradecemos à antiga tutora do PETHL, Léia Cruz de Menezes, por todo o trabalho dedicado ao programa durante os seis (6) primeiros anos de (re)existência, fazendo com que o PET de Humanidades e Letras tivesse seu lugar de destaque conquistado e agradecemos a nova tutora do PETHL, Jeannette Filomeno Pouchain Ramos, que entrou no Programa com toda a vivacidade de construção coletiva que o grupo já esperava.

**REFERÊNCIAS**

COUTO, Mia. Pensatempos; textos de opinião. Lisboa: Editorial Caminho, 2005.